

Ao receber esta *Travessia – Revista do Migrante*, de número 64, você perceberá imediatamente que alguma coisa mudou. As mudanças por que passa a revista tinham sido já anunciadas no número anterior, porém agora elas ficarão mais evidentes. Esperamos que você aprove as mudanças e que elas lhe deem ainda mais gosto para ler, assinar e colaborar com esta nossa *Travessia*.

O formato é novo, com uma divisão em seções que se faz sentir desde o sumário, e o fim da obrigatoriedade do tema geral referente a todo o número. Os artigos são agora acompanhados por resumos / abstracts e palavras-chave. Continuam presentes, e valorizados, textos de formato não estritamente acadêmico, além de literatura, depoimentos, relatos de experiências e documentos relevantes para a temática da migração.

Mais importante, porém, que as mudanças, é o que não mudou. Nossa publicação nasceu em 1988, fruto da iniciativa do CEM e de um grupo de pesquisadores que buscava atuar solidariamente junto aos migrantes, nas suas necessidades e reivindicações, mas também conhecer profundamente a sua realidade, produzindo um conhecimento que circulasse entre academia, ensino e movimentos sociais.

Depois de vinte anos, o Brasil conheceu mudanças importantes, mas a migração continua a ser marcante em nossa sociedade. O país afirmou-se como de emigração, ganhando sustentação o fluxo de brasileiros para estabelecimento em diversos destinos internacionais e se afirmando, progressivamente, a necessidade de políticas públicas específicas para essas comunidades. Se a presença brasileira no exterior continuará crescendo, é uma questão em aberto, que convida à atenção de pesquisadores e ativistas.

Por outro lado, estando presentes ainda as marcas da “antiga imigração” na formação da sociedade brasileira, o que explica muito da nossa diversidade social e cultural, “novos estrangeiros” afirmaram sua presença, como imigrantes e refugiados. Nesses 21 anos da *Travessia*, três anistias oficiais para imigrantes irregulares foram implementadas, a Lei dos Estrangeiros do regime militar começou a ser reformulada, e o país tenta estruturar-se institucionalmente para a recepção de refugiados.

No plano interno, as migrações continuaram a ser importantes movimentos de reestruturação do território, afetando os processos de urbanização e metropolização, tanto nas escalas nacional e regional, quanto no plano intraurbano. Novas definições em fluxos migratórios “históricos” do país, com reversões e redirecionamentos, além da multiplicação dos movimentos no interior das regiões metropolitanas e entre municípios vizinhos, apontam para mudanças qualitativas que continuam a merecer nossa atenção.

Essas nos parecem ser algumas das razões pelas quais permanece a importância de conhecer a migração, compreender os migrantes, e estar ao seu lado. A revista mantém assim o seu compromisso social e político, reforçando algumas características de publicações acadêmicas, mas persistindo no intuito de reunir nas suas páginas a palavra do migrante, do agente de pastoral, do ativista, como também a do estudante, do professor, do pesquisador.

Reiteramos assim o convite para antigos e novos colaboradores que se identifiquem com a proposta da revista. Que teve também, como você irá perceber,

uma renovação nos seus Conselhos Editorial e Científico. Considerando que deveriam ser indissociáveis a produção de conhecimento e a intervenção sobre o real, continuaremos a acolher contribuições de diversos formatos, níveis de aprofundamento e pretensões.

* * *

Este número da Travessia traz dois artigos sobre formas de mobilidade pendular em grandes centros urbanos. O artigo de Gislene Santos aborda o aglomerado metropolitano de Curitiba e os deslocamentos entre um de seus municípios, Colombo, e o município central. O artigo de Luciano Ximenes Aragão enfoca o processo histórico de urbanização na área metropolitana do Rio de Janeiro, enquadrando-o na situação atual da mobilidade espacial, mas também da imobilidade dos que são privados do transporte e da relação com sua mobilidade social.

O artigo seguinte, de Fernando O. Esteban, aborda a escala internacional, destacando a emigração argentina para a Espanha, e distinguindo diversos períodos da mesma, desde o exílio político até a migração econômica após a ditadura, com transformações nos períodos subsequentes.

Três outras contribuições também enfocam os deslocamentos internacionais. A de César Augusto Silva da Silva e Viviane Mozine Rodrigues apresenta algumas características do reassentamento de refugiados no Brasil, apontando para suas dificuldades e algumas possíveis soluções. O texto de Rodolfo García Zamora destaca a importância das remessas de migrantes no continente latinoamericano. João Carlos Jarochinski Silva, por sua vez, apresenta a chamada Diretiva do Retorno europeia, que prevê o retorno forçado de imigrantes em situação irregular. Além dos comentários, como anexo, João Carlos oferece ao leitor o texto da Diretiva, aprovada em 2008 pelo Parlamento Europeu.

Este número inclui ainda a resenha, por Sidnei Marco Dornelas, do livro de Fernando Frochtengarten “Caminhando sobre fronteiras: o papel da educação na vida de adultos migrantes”.

Por fim, a crônica de Catitu Tayassu nos traz um pouco da emoção da descoberta do Outro, esse outro que pode ter as faces do estrangeiro, do migrante, do morador de rua, e que pode nos convocar à solidariedade.

* * *

Aguardando o seu retorno e a sua colaboração, desejamos uma boa leitura e até o próximo número.

Helion Póvoa Neto